

Luiz Alberto de Castro Tito

O despertar das mudanças

Na última etapa de Governo do período revolucionário, se assim se pode chamar essa quadra em que, por um toque de semântica, revolução passou a ser o processo gerador da alteração do significado das coisas, a Nação se ofereceu o palco onde se elaborou o rompimento da represa instalada para conter, com artifícios e maniqueísmos, o avanço de todas as tendências, entrechoques e atitudes, e enfim manifestações da afirmação e consciência nacionais e sua inconformação com o estado de coisas então dominante:

O general Figueiredo, cuja sensibilidade política mais lembrava um outro general, o Ili Amim, forneceu com a sua costumeira atitude e sua visão de estadista de cocheira, a munição para que a Nação, numa manifestação rara de nossa história, se encaminhasse unânime e coesa de encontro à proposta batizada de Nova República, que reacendeu na alma nacional uma esperança de mudanças.

Avaliou-se a dívida social, contraída pela irresponsabilidade e pela visão miope dos tecnocratas e não foi outra a decisão, senão a de iniciar o seu resgate, ainda que a custo do tempo, da paciência e do exercício heterodoxo dos economistas do governo, prevenindo-se de que a qualquer sacrifício não mais acoresse o povo, já tão sofrido de tanta espera sem esperança.

As lideranças políticas, a que a Nação depois ofereceu o seu aval foram buscar na figura de Tancredo Neves a moldura natural para o quadro de mudanças que então se desenhava.

Numa luta na qual venceu a inteligência, o compromisso com uma causa melhor e a moral, encaminhadas pela necessidade de trocar o modelo, colocou-se nas mãos da Nova República a responsabilidade de devolver o País ao seu leito natural, em que as mudanças, em as havendo, fossem aquelas estruturadas, em programas sociais e não no improviso e na insensatez da tecnocracia, que durante vinte e um anos assegurou o privilégio de minorias pontuais e esparças da população. Morreu Tancredo, antes de sua posse como presidente da República, mas depois de haver penetrado, com a força de suas idéias, o coração da brasilidade.

Investida do poder de gerir a Nação, a Nova República, se instalou como síndica da falência que lhe impuseram vinte e um anos de arbítrio, de corrupção como ainda nunca vista, de exercício de uma política econômica predatória do interesse nacional.

Mesmo assim, os compromissos com as mudanças permaneceram vigentes, empurrados pelo povo que partiu sem escala para o encontro de sua importância e de sua identidade.

O primeiro grande teste político do atual Governo foi a eleição de 201 prefeitos municipais, quando 18 milhões de brasileiros foram às urnas:

Com uma roupagem que identificava os

contra o Governo, os sistematicamente contra todos os governos, e os a favor do Governo, acompanhados daqueles sistematicamente a favor de todos os Governos, os quase trinta partidos políticos então credenciados tomaram posição para merecer a preferência popular.

Os partidos cresceram e se afirmaram, e se afirmaram tanto que a alguns incomoda a intimidade com o poder, porque nos momentos adversos de toda ação política, é mais fácil ser oposição.

Passaram as eleições, cujos resultados deram lugar ao recrudescimento de tendências a anos ultrapassadas, mas também permitiram que partidos aliçados da cena política pelo maniqueísmo do poder apresentassem seus programas.

Ninguém nega que no plano político mudamos muito e no plano econômico combinadas as contas, essas deixadas em condições bastante desfavoráveis, também temos evoluído.

A prática especulativa, o lobby, dos grandes grupos, o ativismo do mercado financeiro e a permanente vontade das multinacionais em "colaborar" com o nosso desenvolvimento, privilégios todos bem encastelados, prejudicam uma ação orquestrada que oportune rapidamente uma mudança.

Para isso, em duas ocasiões, o Governo teve que atuar com a emergência dos decretos.

As recentes medidas de reajustamento econômico, nas quais o Governo alterou profundamente o perfil da economia no plano monetário, tem seu resultado garantido com a ação solidária e vigilante da sociedade.

Não há como negar as dificuldades que se colocam no processo de reestruturação econômica de um País com as dimensões e os problemas brasileiros, que conjuga, como admitia Tancredo Neves, a premência de três dívidas há muito amortizadas: a econômica, a política e a social.

O assalariado, o pequeno empresário, a iniciativa nacional, vítimas do desamparo e da despreocupação dos Governos passados, os pequenos estados e os municípios sufocados por um modelo tributário que não lhes deixa alternativa de sobrevivência, requerem um tratamento adequado à carência que há muito os acomete.

A hora é de somarmo-nos, todos os segmentos da sociedade, na busca de um País que seja melhor para todos.

O Governo assim deseja e tem dados mostras disso, com todos os riscos que sabemos, tem corrido.

Vamos assumir nesta hora a trincheira que nos cabe, porque esta luta nos pertence, é difícil e está apenas no começo.